

A IMPORTÂNCIA DE INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE NO PROCESSO AVALIATIVO: UMA EXPERIÊNCIA COM A DISCIPLINA DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA NA UFPE

Flávia Ariane Santos de Lima (1); Julia Amanda Medeiros de Souza Silva (1); Ernani Nunes Ribeiro (2);

*[1Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória,
flavia-yanka@hotmail.com](mailto:flavia-yanka@hotmail.com)*

*[1Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmica de Vitória,
julia.ams@hotmail.com](mailto:julia.ams@hotmail.com)*

*[2Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, núcleo de Ciências Biológicas
ernaniribeiro@gmail.com](mailto:ernaniribeiro@gmail.com)*

Resumo: O presente estudo tem como objetivo examinar um método de avaliação usado por um professor da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico de Vitória, que faz sua avaliação centralizada a partir de 3 nichos, a avaliação do tipo processual, diagnóstica e construtivista. Foram feitas pesquisas e entrevistas com os acadêmicos que participaram desse processo avaliativo em 2017.2. Os resultados permitiram identificar que a avaliação manifestou-se de um jeito positivo para com os educandos, despertando a curiosidade e provocando a reflexão e questionamentos. Fazendo com o que o próprio aluno seja o construtor da sua avaliação.

Palavras-chave: Avaliação, Discentes, Construtividade, Metodologia, Inovação.

INTRODUÇÃO

A avaliação é um instrumento indispensável no sistema escolar que tem o intuito de verificar se as escolhas didáticas pedagógicas do docente contribuem para o processo de aprendizagem dos discentes. Segundo Haydt (2000), ainda mantém a ideia de que faz parte do trabalho docente verificar e julgar o rendimento dos educandos, avaliando os resultados do ensino, a avaliação está sempre presente na sala de aula, fazendo parte da rotina escolar, daí ser responsabilidade do professor aperfeiçoar suas técnicas. É culturalmente entendido que grande parte dos discentes, principalmente do ensino fundamental, faz relação do termo avaliação com um sentimento de temor, medo, nervosismo, ansiedade e preocupação, o que resulta muitas vezes no chamado fracasso escolar. Isso se deve ao fato de que no lugar de um ambiente agradável de estímulo ao trabalho criativo e cooperativo, os educandos o transformam em um ambiente de competitividade e concorrência, gerando crises de ansiedade, o que resulta em um comprometimento do cognitivo (MORETTO, 2007; CASTRO & CARVALHO, 2006).

Para ampliar nosso entendimento sobre avaliação, apresentamos alguns conceitos. Luckesi (2002) afirma que a avaliação é um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar cada educador e cada educando na busca e na construção de si mesmos e dos seus melhores modos de ser na vida. Na concepção de Both (2007) vem atrelada ao processo, onde se direciona a qualidade do desempenho sobre a quantidade de atividades propostas, tanto para o aluno quanto para o professor, ficando em um processo comparativo. Na concepção de Demo (1999), refletir é também avaliar, e avaliar é também planejar, estabelecer objetivos etc. Já para Libâneo (1994) a “avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorrem a instrumentos de verificação do rendimento escolar”.

Diante de tantas afirmações ainda é bastante comum discentes se queixarem do modo em que o professor os avalia em sala de aula, tanto em ensino médio, quanto em ensino superior. Alguns professores usam métodos tradicionais que limita as respostas dos alunos como as provas objetivas. Outros professores realizam as provas só baseada em memórias, assim os alunos gravam as respostas ficando apenas no automático.

Existem diferentes modelos de avaliação, como por exemplo, a Avaliação Somativa, que no decorrer de um período letivo o aluno realiza algumas atividades (trabalhos, pesquisas, questionários) e no final do bimestre, por exemplo, essas avaliações se juntam em uma única nota. Segundo Bloom et al (1983) “A avaliação somativa é uma avaliação muito geral, que serve como ponto de apoio para atribuir notas, classificar o aluno e transmitir os resultados em termos quantitativos, feita no final de um período” (BLOOM; HASTINGS; MADAUS, 1983, p. 100). Porém, um dos problemas relatados por educadores é que esse tipo de avaliação tem a intenção de classificação do aluno, o que pode causar danos ao processo educacional. Outro exemplo de avaliação é a Avaliação Diagnóstica, que procura examinar os alunos a fim de saber o que o aluno já aprendeu, se tem alguma dificuldade de aprendizagem, Machado (1995, p. 33) observa que “A avaliação diagnóstica possibilita ao educador e educando detectarem, ao longo do processo de aprendizagem, suas falhas, desvios, suas dificuldades, a tempo de redirecionarem os meios, os recursos, as estratégias e procedimentos na direção desejada” (MACHADO, 1995, p. 33).

A Avaliação Formativa é parecida com a avaliação diagnóstica, que se utiliza do feedback dos alunos, a fim de ajuda-los a aprender aquele conteúdo de uma outra maneira, como afirma Perrenoud “Uma avaliação mais formativa não toma menos tempo, mas dá informações, identifica e explica erros, sugere interpretações quando às estratégias e atitudes dos alunos e, portanto, alimenta diretamente a ação pedagógica, ao passo que o tempo e a energia gastos na avaliação tradicional desviam da invenção didática e da inovação” (PERRENOUD, 1999, p. 68).

E por fim, a Avaliação Construtivista, que propõe uma nova relação entre professor, aluno e conhecimento, partindo do princípio de que o aluno não é acumulador e repetidor de informações recebidas. O aluno é construtor do seu saber, do próprio conhecimento, e o professor atua como mediador, estimulando a construção do pensamento. Assim, fica claro que a construção do conhecimento é um processo interior do sujeito da aprendizagem, estimulado por condições exteriores criadas pelo professor. Por isso dizemos que cabe a este o papel de catalisador do processo de aprendizagem. (MORETO, 2008).

Outro meio que os docentes seguem é a avaliação em equipe, ao invés de mudar o modelo avaliativo, porém, há opiniões diferentes, alguns discentes defendem o trabalho em equipe, outros já descartam essa possibilidade se questionando sobre a dificuldade que é trabalhar com várias mentes pensantes. Katzembach & Smith (1994) afirmam que as pessoas precisam saber a diferença de grupo e equipe e a única forma é através da ação disciplinada, que se manifestará através de um propósito comum, em mesmas metas de desempenho e através de uma abordagem igualitária do trabalho. Machado (1998) investigou empiricamente o desempenho do trabalho em equipe, definindo-o como um sistema de relações dinâmicas e complexas entre um conjunto de pessoas, unidas umas com as outras no interior da organização como membros de um grupo relativamente estável, que interagem e compartilham técnicas, regras, procedimentos e responsabilidades, utilizadas para desempenhar tarefas e atividades com o objetivo de atingir resultados comuns. O trabalho em equipe pode ter um lado positivo ou negativo de qualquer avaliação.

Com isso, observamos que há vários métodos de se avaliar o alunado, tanto com provas quanto por métodos inovadores, dessa forma o objetivo dessa pesquisa é relatar uma experiência inovadora e verificar se os alunos aprovam uma avaliação construtiva, processual

e diagnóstica, feita por um professor do Ensino Superior, com o 1º período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na disciplina História e Filosofia da Ciência.

METODOLOGIA

A prova foi aplicada no 1º período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, com basicamente 45 discentes matriculados na disciplina, na Universidade Federal de Pernambuco no Campus Centro Acadêmico de Vitória em 2017.2. A disciplina tem o objetivo de estimular a reflexão do acadêmico sobre as condições de elaboração dos conhecimentos científicos, reconhecer as bases históricas, filosóficas e conceituais para o entendimento dos fundamentos epistemológicos sobre os quais se apoiam as ciências e seus métodos, uma parte da disciplina é ministrada pelo professor Ernani Ribeiro que é Mestre em Educação Inclusiva (CE/UFPE); especialista em Ensino de História das Artes e da Religião (UFRPE), cursou Licenciatura Plena em História (FUNESO). Atualmente é Professor Assistente no Centro Acadêmico de Vitória da Universidade Federal de Pernambuco (CAV/UFPE) e Doutorando em Educação na linha de Teoria e História da Educação (CE/UFPE).

A disciplina vem com uma abordagem filosófica, apresentando os tipos de conhecimento e evolução histórica do pensamento científico, além do contexto histórico dos principais nomes da história do conhecimento e da filosofia. As aulas são expositivas dialogadas, promovendo debates e questionamento sobre alguns temas, a fim de pôr em prática a maiêutica, que é o método dialético criado por Sócrates durante o século IV a.C, e que visa a elucidação do verdadeiro conhecimento sobre determinado assunto, a partir da reflexão sobre as respostas obtidas de perguntas aparentemente simples e ingênuas, como “o que é verdade?”, ou “o que é o silêncio para você?”, sempre com o intuito de fazer o discente pensar nas suas respostas e saber apresentar de uma maneira que todos entendam, promovendo reflexões e considerações válidas. É dividida em 3 blocos, com docentes diferentes cada bloco. A avaliação é dirigida pelo professor Ernani, cujo é responsável pelo primeiro bloco da disciplina.

A prova da disciplina tem a duração de 1 mês, é realizada em grupo de 5 pessoas e possui três fases. Na primeira fase, individualmente os alunos precisavam pesquisar sobre um texto impactante de um livro do professor Yuval Noah Harari “Homo Deus: Uma breve história do amanhã que descreve a trajetória do *Homo sapiens*”, esse livro aborda sobre a conquista do planeta e sua soberania no mundo animal. Em seguida precisavam apresentar em

forma de resumo três tecnologias que irá transformar a sociedade e a educação, e justificar a escolha dessas tecnologias, logo após precisavam descrever e demonstrar o lado positivo e negativo dessas tecnologias para o futuro da humanidade. Ao fim dessa pesquisa feita individualmente, a segunda fase pedia que agora os alunos trabalhassem em equipe, a segunda fase apresentava um texto sobre o livro “Os Setes Saberes Necessários à Educação no Futuro” de Edgar Morin, que critica as falhas da educação e propõe novos caminhos para a formação de jovens, a proposta foi que os discentes tinham que relacionar o texto base e a pesquisa da fase um com a educação na perspectiva de Morin, em seguida verificar no senso comum como tais conceitos são compreendidos e por fim fazer uma pesquisa de campo, perguntando a 10 pessoas como será a educação no futuro, após essa entrevista, os alunos tinham que comparar as respostas com dois conceitos apresentados por Morin.

Já na fase três, individualmente o discente precisava apresentar um texto reflexivo sobre a contribuição dessa disciplina para a sua formação acadêmica.

A pesquisa desse artigo foi do tipo qualitativa, com uma entrevista mini estruturada, contendo 7 questões. Segundo Rocha e Deusdará (2005) o objetivo da pesquisa qualitativa é captar um saber que está por trás da superfície textual. Esse tipo de abordagem, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos, referentes a grupos particulares, propicia a criação de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação. Desta forma, a pesquisa qualitativa proporciona um modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos, direcionado à compreensão da manifestação do objeto de estudo (MINAYO, 2007). A partir daí, o analista propõe inferências e realiza interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente ou abre outras pistas em torno de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugerida pela leitura do material (MINAYO, 2007).

Para obtermos as respostas da entrevista usamos um gravador de voz para armazenarmos os relatos sobre a avaliação proposta. Foram entrevistados 30% dos alunos que cursaram a disciplina no período de 2017.2.

RESULTADOS

A entrevista foi feita com alunos que se dispuseram a ser entrevistados para a nossa pesquisa.



PERGUNTAS	RESPOSTA GERAL
1- Para você qual o papel da avaliação no processo de ensino aprendizagem?	Todos os entrevistados afirmaram que a avaliação serve para ver o desenvolvimento do aluno durante o período de aula e testar o conhecimento ao final de cada disciplina.
2- Como você se sente emocionalmente quando é anunciada uma prova qualquer?	Todos os entrevistados responderam que logo após o anúncio da prova ficam tensos e nervosos, pois não sabem o que esperar da prova e qual será o grau de dificuldade.
3- Como foi o processo das respostas da prova?	A dificuldade envolveu a parte de se trabalhar em grupo e conseguir distribuir por igual o que cada um poderia contribuir. O fato de algumas opiniões não coincidirem e ter sido feito debates também fizeram parte do processo de resposta. Todos tiveram dificuldade na parte de encontrar os artigos.
4- Quais foram os relatos mais impactantes?	Todos os entrevistados se surpreenderam com as respostas de algumas crianças, quando algumas pessoas falaram que a tecnologia ia “estragar” as crianças, que a educação seria voltada para a tecnologia ou ficaria pior do que está atualmente.
5- Houve aprendizado?	Todos entrevistados concordaram que sim e serviu para “amarrar” todos os assuntos trabalhados em sala, além de ser interessante saber o olhar do todo, a junção do discursivo do grupo e a pesquisa em campo.
6- Houve relação entre o conteúdo da aula, a didática do professor e a avaliação?	Todos disseram que sim, no conteúdo da disciplina correlacionamos o filme, com a prova, com pensamento dos autores, etc.
7- A avaliação complementou o conteúdo da disciplina?	Todos afirmaram que a prova serviu como complemento para todo conteúdo trabalhado.

DISCUSSÃO

Na pergunta 1, foi questionado aos entrevistados qual seria o papel da avaliação no processo de ensino aprendizagem, os entrevistados afirmaram que a avaliação é importante para a conclusão do conteúdo, e que serve para testar se o conhecimento do aluno foi adquirido em sala, o que se assemelha com o autor Luckesi (2002), que afirma que a avaliação é um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar cada educador e cada educando na busca e na construção de si mesmos e dos seus melhores modos de ser na vida.

Vasconcellos (1995) diz, que “a prática da avaliação chega a um grau assustador de pressão sobre os alunos, levando a distúrbios físicos e emocionais: mal-estar, dor de cabeça, “branco”, medo, angustia, insônia, ansiedade, decepção, introjeção de auto-imagem negativa.” (VASCONCELLOS, 1995). Assim como o autor afirma, nossas respostas da pergunta 2 comprovam que os alunos temem quando falam em avaliação, uma situação muito comum entre estudantes, que acabam, gerando crises de ansiedade, o que resulta em um comprometimento do cognitivo (MORETTO, 2007; CASTRO & CARVALHO, 2006).

Na questão 3, os educandos se questionaram sobre a parte em que precisavam trabalhar em grupo, como já citamos em nossa pesquisa, os trabalhos em grupo causam conflitos pois as pessoas possuem opiniões e pontos de vista diferentes umas das outras, realizando assim um trabalho em grupo e não em equipe, “a única forma de se transformar um grupo em equipe é através da ação disciplinada, que se manifestará através de um propósito comum”, (KATZEMBACH & SMITH, 1994).

Sobre a 4ª questão, os relatos foram baseados nas entrevistas de campo que a prova pedia. Na pergunta 5, os discentes afirmaram que com o método adotado pelo professor de fazer a prova no modelo construtivo, processual e diagnóstico, facilitou a aprendizagem, assim como afirma Moretto (2008), “O aluno é construtor do seu saber, do próprio conhecimento, e o professor atua como mediador, estimulando a construção do pensamento.”

Nas questões 6 e 7 é possível observar que o mediador da disciplina conseguiu fazer com que os alunos correlacionassem os assuntos das aulas, com a avaliação e autores citados, o que facilitou a compreensão, e ativou o pensamento dos mesmos. Assim como diz Moretto (2008) que a construção do conhecimento é um processo interior do sujeito da aprendizagem, estimulado por condições exteriores criadas pelo professor.

CONCLUSÃO

Nossos estudos comprovam que uma avaliação vista por um educando, é sempre um momento de angústia, e deve-se usar novos artifícios para avaliar o alunado. Nem sempre o método tradicional faz com que os discentes consigam absorver o conteúdo da disciplina, visto que os métodos mais usados são as provas objetivas e restritivas. Apesar das muitas contribuições das correntes interacionistas e do esforço de abordagens pedagógicas inovadoras, a prática pedagógica em nossa realidade educacional ainda é marcada pela perspectiva tradicional de ensino e pelo tecnicismo, conforme relatam recentes pesquisas de estudiosos nessa área (Berger, 2000; Dorneles, 2001; Hoffman, 2000; Molina, 2000). Na avaliação que foi estudada, além de pesquisa os educandos teriam que relacionar a opinião deles, o ponto de vista de pessoas diferentes, com os conceitos de autores trabalhados em sala. Fazendo com que o aluno além de pensar, construa sua avaliação. Concluindo assim que o uso de procedimentos diferentes no meio de ensino aprendizagem pode ajuda-los a não se prender em respostas prontas, e sim ter o pensamento expandido, envolvendo pesquisas, etapas e fazendo relações, sendo uma avaliação de modo construtivo, processual e diagnóstico.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Miguel André. Reconhecendo a avaliação da aprendizagem nos cursos de formação de professores. Set. 2000.
- BOTH, Ivo José. Avaliação planejada, aprendizagem consentida: a filosofia do conhecimento. 1ª Edição, Curitiba, PR: IBPEX, 2007.
- BLOOM, Benjamin S.; HASTING, Thomas e MADDAUS, George. Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar. São Paulo: Editora Pioneira, 1983.
- CASTRO, Amélia Domingues; CARVALHO, Ana Maria Pessoa. Ensinar a Ensinar: Didática para a Escola Fundamental e Média. São Paulo: Editora Thomson, 2006.
- DEMO, Pedro. Avaliação qualitativa. 6ª Edição, Campina, SP: Autores Associados, 1999.
- DORNELES, Beatriz Vargas. Escrita e número: relações iniciais. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HAYDT, Regina Cazaux. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. São Paulo: Ática, 2000.
- HOFFMAN, Jussara Maria Lerch. Avaliação: mito e desafio – uma perspectiva construtivista. 28.ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. 118p.

KATZENBACH, J. R.; SMITH, D. K. A Força e o Poder das Equipes. São Paulo: Makron, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. 2ª edição

LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem escolar. 13º ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MACHADO, Maria Auxiliadora C. Araújo. Diagnóstico para superar o tabu da avaliação nas escolas. AMAE Educando, n. 255, 1995.

MACHADO, Magali dos S. Equipes de trabalho: sua efetividade e seus preditores. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Unidade acadêmica do Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

MINAYO, M.C.S. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOLINA, Alexandra da Silva. A Questão do erro nas práticas pedagógicas: uma análise sócio-histórica. Mar. 2000.

MORETTO, Vasco Pedro. Prova: Um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. Rio de Janeiro: Editora, Lamparina: 7a ed., 2007.

PERRENOUD, P. Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens. São Paulo: Artmed, 1999.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B.. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. Alea, dez 2005, v.7, no.2, p.305-322

VASCONCELLOS, Celso dos santos. Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1995.